



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

INAUGURAÇÃO DE TRECHO DA FERROVIA NORTE-SUL, EM AÇAILÂNDIA *

Açailândia, MA
7 de abril

O Presidente José Sarney inaugura o primeiro trecho da ferrovia, com uma viagem de dez horas e meia de trem de Imperatriz a São Luís, passando por Açailândia. A estrada, tão combatida, é agora reconhecida como uma das obras mais importantes para a consolidação da nacionalidade.

Minha primeira manifestação ao chegar aqui, neste pedaço de Açailândia, é sem dúvida fazer uma recordação. O destino me ligou a este pedaço de chão por vários momentos da minha trajetória política. E devo, portanto, lembrar que estas coisas estão dentro de mim e, neste instante, se eu não as dissesse, não ficaria tranquilo comigo mesmo.

Eu era Governador do Estado com 35 anos de idade. Preparava o programa de governo durante a campanha. E uma das coisas fundamentais que nós desejávamos era a integração da região do Tocantins com o Maranhão inteiro. Inverter aquelas setas que desviavam toda a produção do Estado para outras áreas sem que elas se concentrassem na direção certa, que seria a racionalização da nossa economia através da criação do porto do Itaqui.

* Improviso.

Então, do nosso projeto, era ponto fundamental fazer o porto do Itaqui. Fizemos o porto do Itaqui. Do nosso projeto fazia parte incorporar a região do Tocantins. E, então, juntamente com o Bandeira Tribuzi, pegamos o mapa do povoado que existia e que hoje parece-me que é Paulistão, onde havia uma missão religiosa, e também o pequeno povoado de Açailândia, que era composto pelo campo de aviação e algumas casas (onde morreu o grande Bernardo Sayão, quando abria estradas e foi acidentado aqui perto. Ele morreu no campo de aviação, quando estava sendo colocado num avião, aqui em Açailândia).

A minha opção foi por Açailândia. E plantamos o projeto desta estrada. Também não foi fácil. Eu tenho na minha conta lutar para fazer estradas e ser incompreendido por abrir algumas estradas.

Veio uma grande campanha: afirmava que esta estrada era desnecessária para o Maranhão. Dar estrada para um Estado pobre como o Maranhão era absurdo; havia que fazer outras coisas e não abrir uma estrada, como diziam: no meio do mato.

Lembro-me bem que foi feito um artigo com extrema violência, no dia em que eu decidi construir a estrada e fazer a concorrência. Esse artigo, eu disse à minha mulher: vou guardar porque será, para mim, uma alegria, no futuro, as ofensas que me fizeram por abrir a estrada de São Luís a Açailândia.

Guardei e está, até hoje, no meu arquivo. E aqui vim, voando num teco-teco até Açailândia, onde pousamos a primeira vez.

Da outra vez contratamos um pequeno helicóptero. E procurávamos a diretriz onde poderia melhor passar a estrada que chegasse até aqui, o caminho que chegasse até Açailândia, às margens da Belém—Brasília.

E lembro-me bem que, quando aqui pousamos, nesse helicóptero, um homem desta região — e eram poucos os lavradores que ainda havia nesta região — olhou para o helicóptero e depois me disse: «Governador, esse bicho avoa que nem o vôo da sariema».

Guardei, até hoje, entre as histórias dessas passagens políticas da minha vida, esse fato.

Abrimos a estrada para Açailândia. Foi redescoberta a região do Tocantins. De repente, com a estrada, começou a explosão do progresso de Açailândia. Depois, a luta para o seu asfaltamento. Vim aqui para a inauguração do asfaltamento, onde havia um marco de madeira que, acredito, lá deve estar até hoje, e, quando ali nós estávamos presentes, tive a oportunidade de ler, na praça pública de Açailândia, num dos livros que publiquei e se chama *O Parlatamento Necessário*, o trecho em que eu falava sobre esta região e a necessidade que nós tínhamos de estruturar algumas ações efetivas.

Depois entramos na luta de Carajás. Havia o projeto da hidrovia e havia o projeto da ferrovia. Nós lutamos com toda a nossa força para provar que o projeto da ferrovia era o projeto que realmente mais convinha a Carajás. Realmente, hoje se verifica que estávamos certos. E com esta luta incessante conseguimos que fosse feita a ferrovia de Carajás e, ao mesmo tempo, construímos o porto do Itaqui.

Agora, Presidente da República, mais uma vez estou eu a trazer estradas para esta região. E, desta vez, desencadeava-se, nacionalmente, uma pressão violenta contra a Norte-Sul, chegando a se afirmar que esta estrada levava o nada a coisa nenhuma. Eu também guardei esta frase, como guardei aquele artigo.

Quem chama o Brasil Central de nada é quem não ama e não conhece o Brasil. Quem não conhece as potencialidades que estão aí para serem colocadas a serviço do nosso desenvolvimento não tem amor ao Brasil e não conhece o Brasil. E, depois, quem chama de nada a este norte que tem lutado com todas as forças para criar, aqui, um Brasil desenvolvido e próspero, que recebeu famílias que vieram de todas as partes deste País, não tem inteligência nem consciência. Aqui devem estar centenas de pessoas de outras terras, de famílias que se deslocaram de outros Estados, em busca de melhores condições de vida.

Eu mesmo sou neto de um nordestino que veio para o Maranhão da cidade do Ingá-Paraíba, numa seca, à procura de melhores dias nas terras do Maranhão.

E o meu velho avô, já bem velho, quando um dia eu perguntei se ele queria voltar para, pelo menos, visitar as terras onde ele tinha nascido, ele me disse: «meu neto, se a minha alma tiver vergonha, nunca mais saio do Maranhão, porque aqui já tive até um neto governador do Estado».

Pois bem, chamam a esta região de coisa nenhuma. Esta coisa nenhuma que é o norte do Brasil, os maranhenses, os paraenses, os goianos, os homens do Tocantins que deram, para o Brasil, essas bandeiras e que ocuparam os rios da Amazônia levando as fronteiras do País até a imensidão desta floresta extraordinária, que hoje nós sabemos que temos de defender, porque ela é um patrimônio do povo brasileiro.

E, agora, aqui estamos com o trem da Norte-Sul, tendo presente o Presidente da República e, mais do que isto, a consciência nacional de que este projeto é um grande projeto e necessário ao Brasil.

A idéia da estrada, como caminha este trem, está caminhando dentro da consciência dos brasileiros e há a certeza de que esta é uma grande obra, uma das maiores e mais importantes obras para a consolidação da nacionalidade.

E aqui, hoje, Açailândia é um grande e dinâmico centro de progresso de toda esta região. Açailândia, hoje, está integrada ao projeto mineiro-metalúrgico que, no centro do Brasil, se crê como primeiro pólo do desenvolvimento.

Ainda há pouco, ao sairmos de Imperatriz, falávamos na produção, na área da exploração agrícola, e já, ao chegarmos nesta área, temos que falar em outra etapa de riqueza desta região, que é, realmente, a integração do projeto Carajás com a vocação mineiro-metalúrgica que se integra, através da ferrovia Carajás, com o porto do Itaqui e com as indústrias que estão sendo montadas aqui e que irão sendo montadas em termos de futuro.

A Siderúrgica do Maranhão vai ser uma realidade: as usinas de ferro-gusa que já existem aqui, as fábricas e as

indústrias. E há, também, dentro disto, uma preocupação, a de que esta exploração industrial, metalúrgica, seja feita sem danos à natureza, como proteção à natureza. Nós não podemos abandonar a idéia de que todo esse progresso tem que ser consubstanciado dentro de um programa de proteção ambiental.

Ainda ontem eu lançava, no Palácio do Planalto, o Programa Nossa Natureza, justamente com a finalidade de fazer um desenvolvimento racional, um desenvolvimento que traga progresso, mas um movimento que não destrua aquilo que é a nossa fonte da vida, que é a nossa natureza.

Pois bem, é com esta idéia que eu, aqui, com olhos de futuro, estou vendo esta região. Esta região que dentro de mais alguns anos nós teremos localizado em Carajás trazendo o gás de Urucum, através de um gasoduto, e em que serão fundadas as indústrias transformadoras do minério de ferro para que aí, então, nesta etapa, não se exporte minério de ferro a 15 dólares a tonelada, mas, ao contrário, possamos importar, a 115 dólares a tonelada, os produtos já semi-industrializados.

Portanto, esta região vai ter uma vocação e uma dinâmica muito grandes, cada vez maiores. Já, hoje, é o pólo extraordinário do desenvolvimento.

Portanto, quero saudar, no povo de Açailândia, nas mulheres e nos homens de Açailândia, o espírito pioneiro que eu tive a oportunidade de presenciar durante todos esses anos, em que, juntos, embora não estando aqui, mas juntos, comungamos dos mesmos ideais. Ver os pioneiros que aqui chegaram, no tempo em que eu aqui estive e lançamos a estrada Açailândia—Santa Luzia e de Santa Luzia a Santa Inês, de Santa Inês a Arari, de Arari a Miranda e de Miranda a São Luís, quando tivemos a oportunidade, também, de construir a São Luís—Teresina.

Portanto, eu quero agradecer ao Sr. Prefeito, à Câmara de Vereadores a gentileza e a bondade do título que acabam de me conceder. Levarei, e será guardado, como um dos trunfos que conquistei na minha vida, o de ser cidadão de Açailândia, município ao qual, como eu disse, durante todo o período de minha vida, estive profundamente ligado.

E, ao mesmo tempo, deixar a todos o meu abraço, os meus votos de felicidade. E que cada um de nós tenha, cada dia, melhores perspectivas e esperança. Que não se perca nunca a esperança, não se tenha nunca dentro do coração o pessimismo. Porque este é um germe que cresce dentro da gente e que destrói as pessoas. Teremos sempre que olhar o futuro confiantes, porque nós pertencemos a um grande País, um País que está sendo construído com sacrifício, mas com sacrifício de um grande povo, que é o povo brasileiro. Parcela significativa dele é, certamente, as mulheres e os pioneiros de Açailândia.